

# A VOZ dos SINAIS

As Misericórdias foram assumindo, ao longo dos tempos, várias iniciativas de apoio aos mais desfavorecidos. No século XVI foi-lhe atribuída, entre outras, a incumbência da criação e educação das crianças órfãs e dos enjeitados da cidade de Lisboa. Estas crianças, depositadas na *Roda dos Expostos*, eram, usualmente, acompanhadas por marcas de identificação ou de protecção que nos revelam sinais de outros tempos

Texto FRANCISCO D'OREY MANOEL\*

**D. Leonor** (1458-1525), mulher de D. João II e irmã de D. Manuel I, era uma rainha profundamente enraizada no espírito humanista, característico do Renascimento. Estimulou pensadores, apoiou artistas e escritores, promoveu o teatro e a produção tipográfica. Esta figura maior da História de Portugal teve também uma actuação importante no que se refere aos mais desfavorecidos, nomeadamente, através da fundação do primeiro hospital termal (nas Caldas da Rainha) e da criação das misericórdias portuguesas. A Misericórdia de Lisboa foi precursora de todas as outras que com o apoio da Coroa foram sendo instituídas em numerosas localidades.

Um dos seus objectivos era incentivar todos os membros da sociedade a participarem numa organização que pretendia levar a cabo iniciativas concretas, no sentido de resolver os graves problemas da população mais desfavorecida, muitos dos quais se tinham vindo a acentuar com o incremento da expansão marítima. Através da estrutura organizativa desta nova Irmandade, pretendia-se

também uma integração social, cada vez mais efectiva, dos diferentes extractos. Nesse sentido, o Compromisso da Misericórdia determinava que metade dos membros da Confraria deveriam ser de condição nobre e os restantes teriam que ser obrigatoriamente plebeus.

Todos os irmãos tinham como missão pôr em prática as 14 obras de misericórdia (sete espirituais e sete corporais), inscritas no Compromisso. *Vestir os nus, assistir os enfermos, dar de comer e de beber ou conceder guarida aos necessitados*, eram algumas das obras de misericórdia que os membros da Irmandade deviam cumprir. Também lhes era solicitado que promovessem a paz, assim como a reconciliação entre pessoas desavindas, através de acções concretas, tais como *perdoar e corrigir quem errava, dar bom conselho e consolar quem estava desanimado*. O programa era tão vasto e exigente que englobava a *participação em cerimónias de enterro de defuntos, o acompanhamento dos encarcerados, a recolha das ossadas dos justicados e o apoio aos condenados à morte*. É importante salientar que, neste período, os presos viviam em situações extremamente dramáticas, uma vez que, era



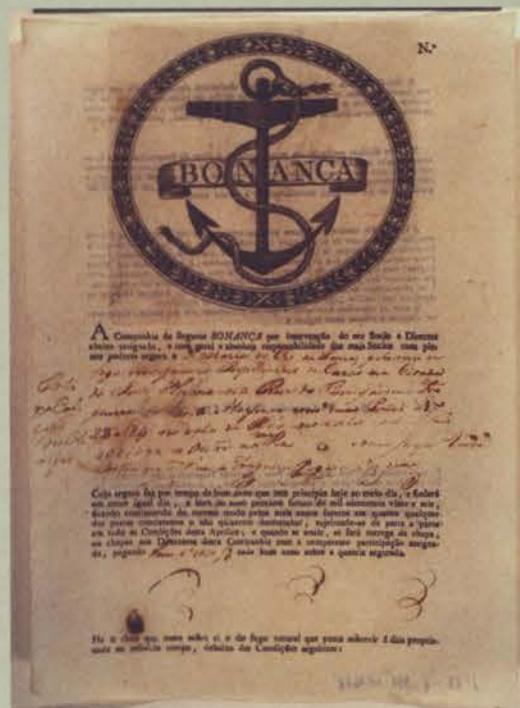
COMPROMISSO da Misericórdia, impresso em 1516



Sinal nº 595 (do ano de 1792), composto por tecido e papel, recortados em forma de coração



Sinal n.º 1191 (1794) onde "os Pais que por hora são incognitos" pedem que se chame Brizida e "a ponhão em Ama que a trate bem"  
À direita, sinal n.º 1678 (1825) com texto redigido sobre uma apólice de seguro



frequente serem as próprias famílias a terem de suportar os encargos com a sua alimentação, vestuário e medicamentos. Também neste campo as Misericórdias passaram a desempenhar uma acção primordial que, ao longo dos tempos, foi apoiada por legislação específica, com o objectivo de melhorar as suas condições.

Ao longo dos tempos, as misericórdias receberam sempre importantes apoios dos monarcas, através da concessão de privilégios, doações avultadas, incluindo as de importantes instalações, não só no Reino d'Aquém, mas também no d'Além-Mar. A população em geral também contribuiu com o seu apoio a estas irmandades, confian-

## Os membros desta nova Confraria passaram a promover, de forma mais intensa, o respeito e a dignificação do ser humano

Através duma vivência religiosa (que se pretendia cada vez mais activa), os membros desta nova Confraria passaram a promover, de forma mais intensa, o respeito e a dignificação do ser humano.

do-lhes diversos bens em testamento, como foi o caso de D. Simoa Godinho, aristocrata negra, sepultada na Igreja da Misericórdia de Lisboa<sup>1</sup>, no final do século XVI.

As Misericórdias foram assumindo, progressivamente, um maior número de funções, o que originou uma estrutura orgânica mais complexa e uma inerente especialização dos diversos cargos. No caso da Misericórdia de Lisboa, foi-lhe incumbida, ainda durante o século XVI, a administração do Hospital de Todos os Santos, assim como a criação e a educação das órfãs e dos enjeitados da cidade.

A criação dos *expostos* ou enjeitados foi, desde cedo, uma das principais actividades da Misericórdia de Lisboa. Estabeleceu-se uma estrutura bem organizada, com livros de registo e documentação de controlo, que nos permite constatar o cuidado com que a Santa Casa desenvolvia essa actividade.

De facto, o sistema de recolha de crianças através da Roda era uma resposta possível, da sociedade, para fazer face às profundas dificuldades com que se deparavam numerosas famílias. Na grande maioria desses agregados os rendimentos eram muito reduzidos, o que não permitia o sustento de um elevado número de filhos. Também é

referido, como causa de exposição, a partida do pai num navio, a morte de um dos progenitores, assim como a doença ou a incapacidade física de um familiar. Este sistema tinha como finalidade apoiar as pessoas mais carenciadas e, através dele, pretendia-se reduzir a mortalidade infantil, contribuir para a eliminação do infanticídio e evitar, ao máximo, a morte de bebés sem que estes tivessem recebido o sacramento do baptismo.

A sociedade encarava esta situação, não como um abandono, mas, antes, como uma entrega temporária<sup>2</sup> de um menor, a uma entidade credível e respeitada. Como tal, os pais costumavam deixar sinais ou marcas identificadoras e de protecção. Estes sinais eram constituídos, muitas vezes, apenas por um texto (que designamos de "escrito"), onde eram fornecidas algumas informações sobre a criança exposta:

- Data e hora de nascimento;
- Nome pretendido;
- Referência ao facto do menor já ter sido baptizado, ou demonstrando expresso desejo para que lhe fosse ministrado esse sacramento;
- Pedido específico para a criança ser bem tratada;
- Explicação sobre as razões que levavam à exposição do descendente;
- Descrição das características físicas ou do seu estado de saúde;
- Relação do enxoval que acompanhava o bebé;
- Solicitação para não entregar a criança a uma ama residente fora de Lisboa;
- Nota referindo a intenção de recuperar o filho logo que tal viesse a ser possível, ou ainda a indicação de outros elementos considerados pertinentes.

Parte destes "escritos" eram acompanhados por uma fita ou um pedaço de tecido; mais raramente surgiam outro tipo de acessórios, tais como, um retrato do progenitor, um cartão de visita, uma trança de cabelo da Mãe, brincos, fios de prata, colares de missangas, pautas musicais, dados ou cartas de jogar, bilhetes de lotaria, e ainda muitos outros sinais acessórios. Em diversos casos, os pais conservavam metade ou o par deste sinal, para que, no acto de recuperação, pudessem ser associados à



Sinal n.º 963 (1832) composto por "escrito" e fita com "verónica" (imagem de Cristo)

berada falta de veracidade por parte dos pais, tinha como objectivo proteger as crianças, através de uma identidade forjada que, supostamente, lhes concederia atenção e cuidados especiais.

Para a criação destes expostos a Misericórdia recorria a amas de leite (nos primeiros tempos de vida) e a amas de seco (para a sua educação e formação). Por volta dos 7 anos de idade<sup>3</sup>, os expostos eram entregues a famílias

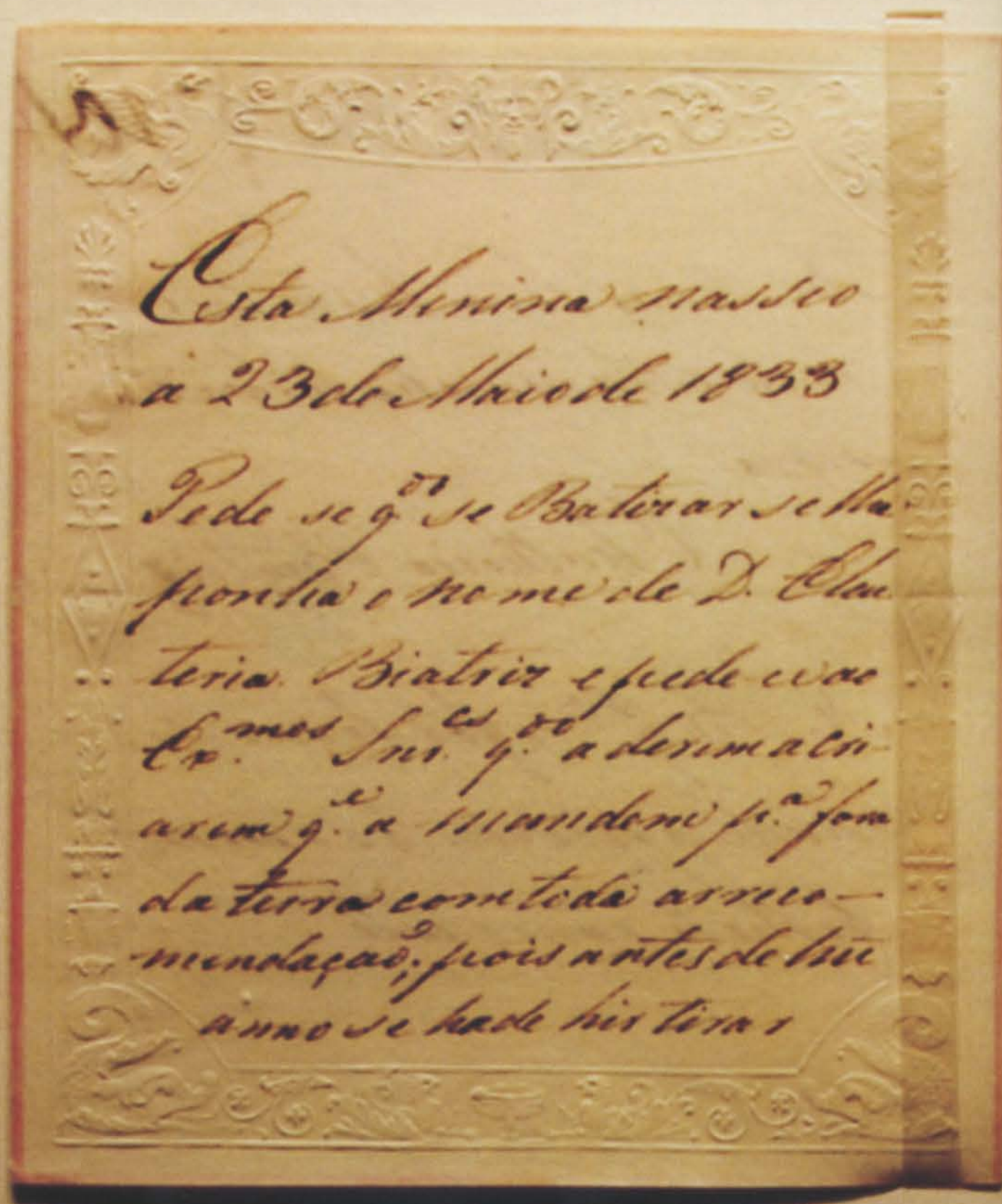
## A sociedade encarava esta situação, não como um abandono, mas, antes, como uma entrega temporária de um menor, a uma entidade credível e respeitada

criança (sinais identificadores). Também se verificava a entrega de sinais complementares, constituídos por imagens do santo da devoção dos pais, representações de Cristo ou de Nossa Senhora e orações, cuja intenção seria proporcionar-lhe uma protecção espiritual. Por outro lado, pareciam sinais formados por peças relacionadas com preconceitos e superstições, tais como figas, trevos de quatro folhas ou sino-saimão<sup>3</sup>.

Alguns autores chamam à atenção para o facto de determinados sinais não constituírem indícios fidedignos da autenticidade das informações que contêm. Esta deli-

### Os 'expostos'

Chamavam-se expostos ou enjeitados a todas as crianças colocadas na Roda dos Expostos e entregues aos cuidados de outrem, geralmente por determinado período de tempo. O local onde permaneciam era designado por Hospital dos Expostos. No passado, o termo "hospital" não era aplicado apenas na acepção moderna (que corresponde a um estabelecimento onde se acolhem e tratam doentes). Este termo abrangia o abrigo, a recolha, a hospedagem e o apoio de doentes, e também de crianças desamparadas, de peregrinos ou viajantes, de mendigos, etc.



Documento nº 832 de 1833, com cercadura em relevo, onde se solicita que a criança tome o nome de "D. Eleuteria Biatriz"



que tinham como principal objectivo ensinar-lhes um officio, de modo a dar-lhes acesso a um futuro mais autónomo.

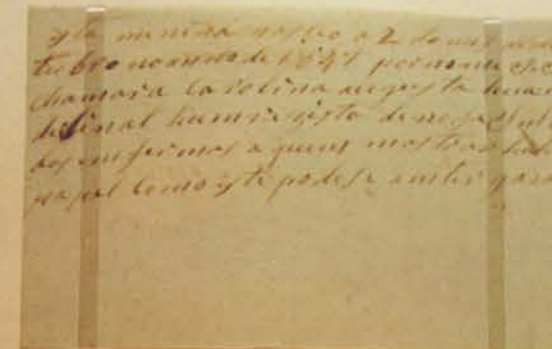
Uma pequena parte dos expostos era reclamada pelos pais; neste caso, se as famílias possuísem bens, tinham de pagar uma verba para compensar a criação, a educação e a formação, até então concedida ao menor. Os restantes vinham a ser emancipados, geralmente com 18 anos, sendo que alguns, apesar de já serem maiores, continuavam, durante bastante tempo, a receber apoio da Misericórdia.

Para o exercício desta actividade eram necessárias avultadas somas, o que originava crises financeiras cíclicas. O problema agravou-se ainda mais porque o Município de Lisboa (que estava obrigado a participar com verbas para o sustento dos expostos), eximiu-se, diversas vezes, a esta obrigação. A situação só foi ultrapassada graças à intervenção de diversos monarcas empenhados em resolver os conflitos entre a Câmara e o Hospital de Todos os Santos (instituição administrada pela Santa Casa e que tinha a incumbência de criar os enjeitados da cidade de Lisboa).

Para fazer face às crescentes despesas da Misericórdia de Lisboa, marcadas, em grande parte, pelo aumento dos custos relacionados com a criação dos expostos, foram-lhe concedidas mais benesses e isenções. Destacamos a entrega de bens das pessoas que morriam sem parentes (Alvará de 31 de Janeiro de 1775), ou a atribuição de uma percentagem dos tributos ou ofertas voluntárias ("conhecenças") feitas aos párocos (Carta Régia de 31 de Janeiro de 1775).

Por outro lado, pretendendo angariar mais amas, foi sendo aprovada legislação que concedia privilégios aos seus maridos. Estes passavam a estar isentos do pagamento de alguns impostos, bem como de serem recrutados para a milícia, regalia que, mais tarde, foi alargada aos seus filhos. A título de exemplo e no que respeita à concessão de privilégios, podem ser referidos alguns diplo-

Em cima, sinal nº 395, de 1847, composto por colar com missangas encarnadas e "escrito". À direita, sinal nº 1890 de 1847, composto por "escrito" e imagem de Nossa Senhora dos Enfermos



mas, desde o século XVI ao século XIX, tais como as cartas de Lei de 31 de Maio de 1502 e de 23 de Maio de 1576, os Alvarás de 29 de Agosto de 1654, de 22 de Dezembro de 1695 e de 26 de Outubro de 1701, o Decreto de 31 de Março de 1787, ou o Alvará de 9 de Novembro de 1802.

No século XVIII, o número sempre crescente de exposições teve como consequência um novo agravamento da situação financeira, o que provocou um aumento ainda mais acentuado da mortalidade infantil. Com vista a minorar este problema, foram atribuídos à Misericórdia diversos bens e privilégios, sobretudo a partir da segunda metade deste século. Ao tempo, foram publicados alguns diplomas legais que reformularam e aperfeiçoaram o sistema da criação dos enjeitados. Deve-se destacar que, neste período, surgiram os livros de registo de "pretos e pardos"; estes tinham como objectivo proteger

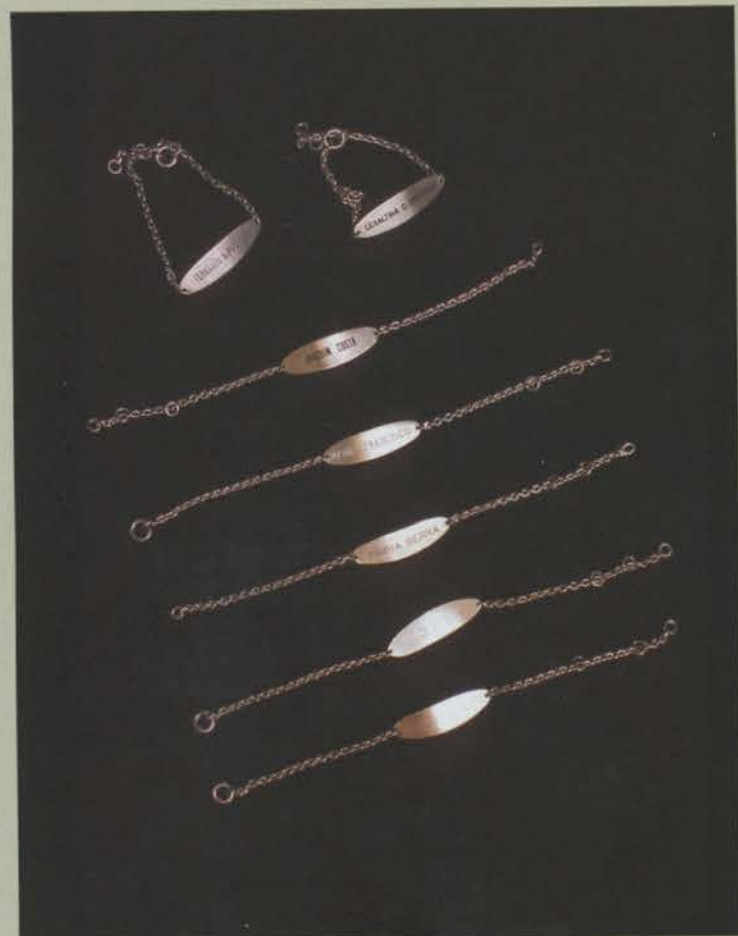
### 'Pretos' e 'pardos'

No livro nº1 dos Avisos e Ordens da Mesa (fólios 90v a 92) transcreve-se uma Proposta dos Mordomos da Real Casa dos Expostos, de 17 de Novembro de 1779, onde se sugere a implementação dos livros de Pretos e Pardos (série documental que foi descrita no Inventário da Criação dos Expostos, com registos datados entre 1780 a 1834). Estabelecem-se, ainda, multas às amas de leite e de seco, assim como aos mestres onde os expostos aprendiam um officio, caso estes não apresentassem os expostos no final do tempo contratado.



Alicate e colares (com selo de chumbo), para identificação dos expostos

À esquerda, pulseiras de prata, sistema de identificação dos expostos que passou a ser utilizado no século XX



e aumentar o controlo sobre essas crianças<sup>5</sup>, uma vez que se refere "nada há mais precioso que a liberdade, parece que nenhuma Causa deve primeiro emportarnos que os meios de conservá-la...". Mesmo sendo filhas de escravos, estas crianças alcançavam a liberdade quando eram expostas. Com o registo nestes novos livros, conseguia-se garantir que as amas não as vendessem como escravas.

A preocupação de entregar as expostas a pessoas de "boa vida e costumes" é manifestada no Alvará de 12 de Fevereiro de 1783, onde se estabeleceram penas para todos os que aliciassem ou seduzissem as expostas.

Na primeira metade do século XIX foram tomadas diversas resoluções, destacando-se o aperfeiçoamento do sistema de escrituração dos livros e o controlo das amas, actividade esta que era exercida pelos visitantes ou inspectores, e pelos párocos de cada freguesia. Também surgiu a preocupação de identificar melhor os expostos com menos de 7 anos de idade, os quais, até aí, eram apenas descritos nos registos de entradas e nos livros de entregas a amas, para, depois, poderem ser identificados. Este sistema não era muito eficaz. Foi por isso que em Veneza, na Sicília e noutras regiões da península italiana (ao lon-

go dos séculos XVII a XIX), a identificação destas crianças se fazia através de marcas que eram aplicadas utilizando ferros em brasa ou tatuando os bebés. Conforme refere Casimira Grandi<sup>6</sup>, este procedimento era implementado para garantir aos expostos uma identidade institucional, o que lhes permitia poder receber apoios, educação, e posteriormente, no caso de serem raparigas, requererem um dote. Na Misericórdia de Lisboa não existe nenhum indício de que estas "cicatrices falantes" tivessem sido infligidas alguma vez em Portugal. Das simples descrições registadas em livros (em que se assinavam os traços físicos das crianças), passou-se para a colocação de um colar de fio no pescoço, fechado com um selo de chumbo<sup>7</sup>, onde era gravado o número que tinha sido atribuído à criança<sup>8</sup>. Desta forma, pretendia-se evitar que surgissem trocas de crianças, permitindo também um maior controlo sobre as amas; tentava-se impedir que estas apresentassem uma criança bem constituída, em vez do exposto que podia até já ter morrido.

Apesar de todas as medidas tomadas, incluindo a concessão, por D. Maria I, da exploração das Lotarias<sup>9</sup>, a situação económica da Misericórdia permanecia muito precária, pelo que os pagamentos às amas sofriam grandes atrasos. Isto teve como consequência uma progressiva escassez de mulheres para amamentarem e educarem um número crescente de expostos. Devido à enorme acumulação de crianças na Casa, propagavam-se doenças, o que originou um aumento da mortalidade infantil. Na segunda metade do século XIX, para minorar este problema e, simultaneamente, reduzir o aban-

do das crianças, determinou-se conceder, às famílias pobres da cidade, uma verba durante os primeiros anos de vida dos bebés, iniciando-se também a atribuição de subsídios destinados ao pagamento de rendas de casas.

Todo o complexo sistema relacionado com a situação dos expostos pode ser dividido em dois grandes períodos. Como refere Isabel dos Guimarães Sá, "A primeira fase contempla um período que se estende desde a Antiguidade até meados do século XVII, em que o abandono existia, era legal, mas não era um fenómeno de massas (...) relativamente à segunda fase, fularei do período Iluminista, que representa uma explosão do fenómeno por toda a Europa, onde adquire proporções gigantescas que se prolongam por boa parte do século XIX."<sup>10</sup>

Situação bem distinta era a das órfãs que concorriam para serem admitidas no Recolhimento, dando-se especial atenção às que se encontravam "em maior perigo"<sup>11</sup>. Aí residiam e recebiam educação com o objectivo de se prepararem para uma vida futura. Este procedimento era levado a cabo no edifício da Santa Casa, com intervenção exercida directamente por funcionários da Misericórdia de Lisboa. Até ao terramoto de 1755 as órfãs encontravam-se instaladas na antiga sede da Santa Casa. Depois de um período conturbado foram transferidas para São Roque e em 1833, o Recolhimento foi colocado no edifício do antigo Convento de São Pedro de Alcântara. Esta acção era, portanto, muito diferente da que era concedida aos expostos, e só era possível porque o número de órfãs admitidas era reduzido. O controlo do número de admissões no Recolhimento estava relacionado com as verbas específicas doadas por benfeitores. Estes montantes, entregues pelos beneméritos, também condicionavam o número de dotes concedidos pela Misericórdia, privilégio a que, por meio de concursos, as órfãs recorriam para terem acesso a um casamento mais digno.

## Através da acção reformadora do Provedor Marquês de Rio Maior, foram aprovadas as Instruções Regulamentares sobre o Serviço de Vigilância e Polícia da Roda

Conforme referem diversos autores, são múltiplos os aspectos sociais, políticos, religiosos e filosóficos que se foram alterando ao longo das centúrias de 1700 e de 1800. Neste período, a exposição passou a evidenciar um número crescente de filhos oriundos de relações ilícitas. Isto originou que o volume de exposições não parasse de aumentar; na segunda metade do século XIX, só na Roda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, foram expos-



Em 1833, as órfãs foram transferidas para o antigo Convento de São Pedro de Alcântara

Por outro lado, continuaram a ser tomadas resoluções tendo em vista apoiar os doentes. Foi instituído um serviço de atendimento médico ao domicílio, a fim de evitar uma maior acumulação de doentes nos hospitais. Para alcançar este objectivo, também foi decidido proporcionar a ajuda alimentar aos necessitados, através da criação da Sopa da Caridade (desde 1888) que muito contribuiu para a sobrevivência de um grande número de famílias.

No início do século XX, de acordo com o aperfeiçoamento das democracias europeias, a Santa Casa dedicou uma especial atenção à formação dos menores, de for-

os mais desprotegidos. É o caso do Sanatório de Sant'Ana, instituído por vontade de uma benemérita, no início do século. Em 1927 a administração desta Instituição foi entregue exclusivamente à Misericórdia de Lisboa e, no início dos anos 60, após uma reformulação, passou a ser designado por Hospital Ortopédico de Sant'Ana.

No apoio às famílias foi incrementado o acolhimento de crianças em risco, a construção de mais lactários e creches, a concessão de refeições e de subsídios específicos, para além da criação de um vasto programa de vacinação.

## No início do século XX, de acordo com o aperfeiçoamento das democracias europeias, a Santa Casa dedicou uma especial atenção à formação dos menores, de forma a fazer deles cidadãos mais esclarecidos e participativos

ma a fazer deles cidadãos mais esclarecidos e participativos. Muitos jovens foram colocados em estabelecimentos que lhes proporcionavam um ensino específico, nomeadamente nas Oficinas de São José, no Asilo das Costureiras, na Escola Agrícola da Paiã ou no Asilo-Escola António Feliciano de Castilho.

Ao longo deste mesmo século, diversas instituições de assistência foram integradas na Santa Casa, tendo em vista garantir a continuidade de acções concretas consideradas essenciais para minorar as carências e dignificar

Mais recentemente, muitas actividades foram desenvolvidas, de forma a dar resposta aos novos desafios da cidade. Podem ser destacadas medidas inovadoras em relação:

- Ao tratamento e recuperação de deficientes, através da criação do Centro de Medicina de Reabilitação do Alcoitão, onde foi promovida a formação de técnicos especializados. A partir de 1994 esta Escola foi integrada no sistema nacional de ensino superior, passando a ser designada por Escola Superior de Saúde do Alcoitão;
- Aos idosos, em número cada vez mais significativo;

– Às minorias étnicas e culturais, como os ciganos e os imigrantes, que têm vindo a beneficiar de políticas de inclusão;

– Aos refugiados de diversos países que são acolhidos pela Santa Casa;

– Aos portadores do HIV/SIDA, para quem foram criadas residências e outros apoios específicos;

– Aos sem abrigo, para os quais têm vindo a ser criados programas de integração;

– À formação profissional e escolar de grupos com vulnerabilidades: jovens que abandonaram precocemente a escola e adultos desempregados não qualificados;

– À educação da infância, efectuada em creches, para além do ensino pré-escolar e de ATL's;

– À mulheres e crianças maltratadas;

– A novos procedimentos, tendentes a promover o número de adopções.

É importante referir que, para além da Lotaria, foram implementados outros Jogos Sociais. Saliente-se que a percentagem atribuída à Misericórdia de Lisboa, proveniente do montante global gerado pelos Jogos Sociais, financia, em grande parte, o vasto programa de acção até aqui enunciado.

Ao longo dos seus quinhentos anos de História, esta instituição tem vindo a pôr em prática as 14 obras de misericórdia, como compromisso inicial e objectivo permanente, promovendo a dignificação do Homem. A sua principal preocupação, foi cumprir sempre o desígnio cristão que lhe foi pedido no momento em que foi instituída, em 1498, na Capela da Terra Solta, situada no claustro na Sé Patriarcal de Lisboa. Desde então, esta Casa de Bem Fazer e de Fazer o Bem, tem tido como objectivo primordial a defesa dos Direitos Humanos. E, porque a população encontrou na Misericórdia de Lisboa o espaço vital para o acolhimento aos mais desprotegidos, passou a designá-la por Santa Casa. ■

\*Director do Arquivo Histórico/Biblioteca da SCML.  
Trabalho apresentado no IV Seminário Internacional de Arquivos de Tradição Ibérica em Outubro de 2005.



Capa do Inventário da Criação dos Expostos

### Bibliografia

*O Compromisso da Confraria de Misericórdia* (1516), Lisboa: FERNANDES, Valentim; CAMPOS, Hermão.

«Benedetto chi ti porta, maledetto chi ti manda»: *l'Infanzia Abbandonata nel Triveneto (secoli XV-XIX)* a cura di Casimira Grandi, Treviso, Fondazione Benetton Studi Ricerche, Catálogo com os artigos dos conferencistas que participaram no Congresso de Treviso – Itália, 18 e 20 de Junho de 1996.

MANOEL, Francisco d'Orey; COLEN, M<sup>a</sup> Luísa Barbosa (1999), "Os Expostos e Desamparados na Misericórdia de Lisboa" in *Cidade Solidária*, Lisboa, A. 2, n.º 2, p. 38-45.

MANOEL, Francisco d'Orey; MORNA, Teresa Freitas (2001), "Os Expostos da Roda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa: uma exposição com catálogo" in *Cidade Solidária*, Lisboa, A. 4, n.º 7, p. 108-115.

RIBEIRO, Vítor Maximiano (1998), *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, reprodução fac-similada da edição de 1902, com um estudo introdutório de José Vitorino de Pina Martins/Victor Ribeiro, Lisboa, Academia das Ciências.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA (1998), *Colecção Legislativa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (1498-1998)*, Lisboa.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA (2001), *Os Expostos da Roda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, Catálogo da Exposição que esteve patente ao público entre Julho e Setembro de 2001.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA (1998), *Inventário da Criação dos Expostos*, Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA (1987), *Sinais de Expostos: Exposição Histórico Documental*, Lisboa, Catálogo da exposição organizada em 1987.

<sup>1</sup> O edifício manuelino foi destruído no terramoto de 1755.

<sup>2</sup> Possuímos séries documentais (datadas desde o final do século XVIII), relacionadas com a entrega de crianças aos pais.

<sup>3</sup> Sino-saimão ou signo-salomão é um emblema de magia e quiromancia; espécie de amuleto ou talismã, constituído por dois ou três triângulos entrelaçados em forma de estrela.

<sup>4</sup> A alteração da idade tem a ver com determinações estabelecidas em épocas diferentes.

<sup>5</sup> Proposta de 17 de Novembro de 1779, dos Mordomos da Real Casa dos Expostos, inscrita no livro nº1 dos Avisos e Ordens da Mesa, fólhos 90 a 92.

<sup>6</sup> Ver "P come pietà: i segni corporei dell'identità istituzionale sugli esposti di Santa Maria della Pietà di Venezia (secoli XVII-XIX)", in Catálogo do Congresso "Benedetto chi ti porta, maledetto chi ti manda: l'infanzia abbandonata nel Triveneto (secoli XV-XIX)".

<sup>7</sup> Este sistema foi substituído por pulseiras de prata, com a identificação da criança, em meados do século XX.

<sup>8</sup> Esta prática foi importada da Europa, salientando que, em algumas regiões italianas, já se tinha iniciado o uso dos colares com selos de chumbo ("piombino"), desde o século XVIII.

<sup>9</sup> Através do Decreto de 18 de Novembro de 1783.

<sup>10</sup> Isabel dos Guimarães Sá, prefácio do Inventário da Criação dos Expostos (Lisboa: SCML, 1998) página XI.

<sup>11</sup> Livro 7 das Actas de Mesa da SCML, sessão de 4 de Dezembro de 1870, fólho 119.

<sup>12</sup> Foi certamente neste período que o mecanismo da Roda da Misericórdia de Lisboa foi destruído. Actualmente temos conhecimento da sua exacta localização, através dos elementos inseridos numa planta arquitectónica, elaborada nos primeiros anos do século XIX.

<sup>13</sup> As amas internas eram em número muito mais reduzido.

<sup>14</sup> O Hospital dos Expostos era o local onde os enjeitados permaneciam até serem entregues às amas.

<sup>15</sup> Considerava-se que se encontravam "em maior perigo" as órfãs que apresentavam especiais dotes físicos, tal como pode ser confirmado através dos comentários descritos em diversos processos.